

Em busca da desobjetificação do humano e a função humano-pedagógica da música

Musicologia / Estética Musical:

Cyran Costa Carneiro da Cunha
IFPB – cyrcos@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca do caráter fetichista das relações humanas, apontando alguns possíveis “encaminhamentos” para o campo educacional da música num diálogo com a antropologia da intensidade, usando como suporte metodológico, textos de Humberto Maturana, Ernildo Stein e Georg Lukács. Por fim, e como resultado da reflexão construída, agrega-se uma consideração acerca da função humano-pedagógica da música no interior do pensamento de Platão e Aristóteles.

Palavras-chave: Desobjetificação do humano. Educação Musical. Fetichismo.

In search of deobjectification of human and human-pedagogical function of music

Abstract: This paper presents some reflections about the fetish character of human relations, pointing out some possible "forwards" to the field of music education in a dialogue with the "anthropology of intensity," using as methodological support, texts Humberto Maturana, Ernildo Stein and Georg Lukacs. Finally, and as a result of the reflection built, assembles a consideration about human-pedagogical function of music within the thinking of Plato and Aristotle.

Keywords: Deobjectification of the human. Music Education. Fetishism.

1. Introdução

As fronteiras entre as diferentes esferas do saber humano estão cada dia mais estreitas, e os limites da pesquisa musical têm se alargado com as interconexões entre as diversas áreas da ciência. Ao longo da história, em quase todos os momentos de criação e/ou reflexão pedagógica da música, sempre existiu um diálogo (subjacente ou não) entre a música e a filosofia. Assim, o campo educacional não esteve alheio a esta trajetória, e os processos gerais de aprendizagem que se estabeleceram nas relações entre os homens, tomaram rumos característicos no mundo capitalista.

Nesta perspectiva, este trabalho apresenta algumas reflexões acerca do caráter fetichista das relações humanas, objetivando apontar alguns possíveis “encaminhamentos” para o campo educacional da música num diálogo com a antropologia da intensidade, usando como suporte metodológico, textos e considerações de Humberto Maturana, Ernildo Stein e Georg Lukács. Em um momento concludente, agrega-se uma consideração acerca da função

humano-pedagógica da música no interior do pensamento de Platão e Aristóteles, com o que se fecha o ciclo reflexivo.

2. Fetiche

Na sociedade capitalista o fetichismo¹ é inerente a todas as manifestações ideológicas. Isto quer dizer, sucintamente, que as relações humanas – que na maior parte dos casos se mantêm por intermédio de objetos – aparecem como se fossem coisas, gerando uma observação superficial da realidade social. Neste sentido, a relação entre os seres humanos aparece, então, sob um aspecto de uma coisa, de um fetiche. Marx (2002: p. 94) afirma, neste sentido, que “uma relação social definida, estabelecida entre homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.

O exemplo mais claro da alienação proporcionada pelo fetiche é a mercadoria, que é o elemento fundamental da produção capitalista. Assim afirma Georg Lukács:

A mercadoria, tanto por sua produção como por sua circulação, é efetivamente o agente mediador das relações humanas concretas (vendedor-comprador, etc.), e é necessário o funcionamento de condições sociais e econômicas muito concretas e precisas [...] para que o produto do trabalho do homem se converta em mercadoria. (LUKÁCS, 2000: p.7, grifo nosso).

Neste sentido, observa-se que a sociedade capitalista disfarça essas relações humanas e as torna indecifráveis, dissimulando cada vez mais o fato de que o caráter de mercadoria do produto do trabalho humano não é senão a expressão de certas relações entre os homens. O domínio que o capitalismo atual exerce na maioria das pessoas, não faz outra coisa senão intensificar o fetichismo geral, resultando quase impossível ter acesso, refletir e revelar a deificação que está por trás das relações. A este respeito, vale a citação:

Cada vez mais a sociedade se apresenta ao pensamento burguês como sendo ela um monte de coisas mortas e de relações entre objetos, ao invés de se espelhar em si mesma tal como é, quer dizer, como a reprodução ininterrupta, mutante e movente de relações humanas. O clima mental que deste modo se cria, é muito desfavorável para o pensamento dialético. O parasitismo próprio do estágio imperialista não faz outra coisa senão intensificar esta evolução. (LUKÁCS, 2000: p.9, grifo nosso).

Portanto, no mundo regido pelo capitalismo imperialista, resulta quase impossível por em evidência as relações humanas ocultas pela alienação. Não obstante, existem caminhos que podem trazer alguma luz para aqueles que se encontram perdidos no meio desta selva escura (parafrazeando Dante). É o que se explicita no tópico subseqüente.

3. Educar no social como forma de viver na intensidade

Martin Heidegger (1993), na sua obra *Ser e Tempo*, constitui um novo conceito de tempo, trata-se do conceito de temporalidade. Numa passagem a este respeito, que vem corroborar a argumentação que se pretende construir, Stein comenta:

De agora em diante o ser não é um atributo essencial das coisas, das pessoas e dos eventos. O ser passa a transformar-se numa função da compreensão que o ser-á tem de si. Sem essa compreensão não se daria compreensão de ser. Ser e tempo encontram-se na temporalidade da existência humana” (STEIN, 2002: p. 137, grifo nosso).

Com a superação do caráter físico e sucessivo do tempo e sua nova configuração a partir da transcendência do mundo, Heidegger produz uma desobjetificação do humano “na medida em que cada existencial é uma concentração de instantes de temporalidade”; ou seja, o modo de dar-se do homem e o seu acontecer no mundo constitui-se a partir de intensidades temporais (STEIN, 2002: p. 138-139). E a afirmação acima grifada, caminha para explicitar tal desobjetificação, visto que o ser não é um atributo essencial das coisas (STEIN, 2002).

Segundo a perspectiva da biologia da educação existem certos fenômenos, como a linguagem, que não ocorrem dentro do corpo (como se houvesse uma separação entre corpo e mente), mas sim que pertence ao espaço relacional, e que a autoconsciência acontece no processo das relações com os outros seres humanos, na convivência e aceitação de si e respeito mútuo ao outro; convivência cujo ponto central é o amor (MATURANA, 1998).

Não é, portanto, no campo da competição, a qual o mundo globalizado insiste em patrocinar, mas sim na esfera do convívio, do amor, que os processos educacionais podem ganhar maior fôlego e sustentação. Neste sentido, Ernildo Stein (2002) elege uma constante antropológica fundamental para a resolução (não definitiva) de diversos problemas da educação atual: a solidariedade.

Este autor analisa as questões das relações objetificadas entre os homens, e aponta soluções para a formação pedagógica no interior de “uma sociedade de objetos”. Todo projeto pedagógico acaba por sucumbir frente ao que ele chama de objetificação universal. Na sociedade competitiva, só será possível uma real mudança quando não predomine tal relação de fetiche, e quando a solidariedade (o elemento da gratuidade) se eleve e seja uma exigência vital, uma busca por uma afirmação da vida ou as múltiplas afirmações do ser (STEIN, 2002).

4. A função humano-pedagógica da música em Platão e Aristóteles

Este tópico visa aproximar ou contextualizar as reflexões até aqui construídas com o universo filosófico e musical dos dois filósofos gregos. Tal aparente “digressão” se justifica por se entender que não há uma separação abstrata, ou fuga, do tema principal; ao contrário, esta temática musical grega tornada aqui foco da narrativa, vem contribuir, a meu ver, com pontuações mais concretas, no campo da arte, para a busca da desobjetificação do humano. Noutras palavras, referir-se ao mundo musical grego, não significa tomar uma atitude meramente subjetiva ou desligada da real propositura ou temática deste texto nem das questões que estão no bojo das discussões atuais da esfera musical, antes, tal postura teórica se revela como elo filosófico e dialético na busca de novas sínteses humanas.

Na reflexão platônica, a tradição pitagórica do conceito de música se faz nítida: o fato da música ser pensada, estruturalmente, a partir e no interior do conceito de *harmonia* o evidencia. Ou mais rigorosamente dito: a música, firma Platão, espelha a harmonia de nossa alma e do universo (PLATÃO, 1972). Assim, considera o filósofo, lhe é inerente uma altíssima função educadora: a sonoridade pode conduzir a alma desequilibrada à harmonia, assim como permite adentrar na essência mais íntima do universo, pois a *harmonia*, em terras platônicas, é, outrossim, o próprio pulso das coisas. Destarte, o filósofo avizinha *in limine* e explicitamente, a esfera da música à da filosofia, na exata medida em que a esfera musical é uma *Sophia* – um *modus operanti* filosófico que permite o acesso ao conhecimento – ou verdade – das coisas.

Mas, seja como for, Platão corrobora a fratura música-teoria posta por Pitágoras, fratura que se estenderá durante séculos por toda a Europa. Fratura que desvincula a arte musical da reflexão sobre esta arte. Reflexão que a toma em termos de uma abstração irrazoável: a música que efetivamente conta e importa é aquela que reflete a *harmonia*, a não audível, mas pensável, ideal, que espelha a lógica numérica das coisas (PLATÃO, 1972). Não aquela das vozes e instrumentos, que podem desvirtuar, diria Platão, o centro da alma vivente na polis.

Aristóteles, por sua vez, e distintamente de seu mestre, ata em nó górdio música e educação. O *ócio*, dizia ele, deve ser ocupado em função da constituição do espírito, por isso a música é parte fundamental dos momentos livres do homem. E a música pode educar, afirma Aristóteles, pois é uma imitação dos sentimentos, de emoções humanas, com as quais o ouvinte se defronta e pode modelar a alma. A melodia é expressão de afetos, e o *mélós* tem o poder de inflectir nossa alma, impregnando-a dos sentimentos que expressa (ARISTÓTELES,

1973). Nesse sentido, em Aristóteles, a música é posta em termos do que ela é enquanto efeito humano concreto, enquanto arte, a termo que o pensamento se volta ao real, às coisas, aproximando reflexão e vida, então, música e afetos.

Como passo conclusivo, é importante referir, posto esta contextura, que tanto Platão como Aristóteles¹ constroem suas reflexões no interior de obras que não se voltam especificamente à música, mas, diversamente, em função da vida pública e de seus destinos: Platão elabora suas principais considerações sobre a esfera musical na *República*; Aristóteles, na *Política*. Isto significa que de fato a arte ocupava lugar central enquanto *instrumento educador*, algo que deve ser frisado porquanto não se pode compreender a lógica do pensamento musical grego se não se observa a função social que cabia ao estético.

Ademais desta função/utilização que a música² - seja ela didática ou ética, de um lado, e orgiástica ou catártica, de outro - cumpre no interior da *paidéia* grega (CARVALHO, 1996), convém afirmar que se a obra de arte educa e instrui, isto seria uma consequência do prazer que o homem sente na imitação e na representação em geral, não sendo propriamente uma finalidade mas uma utilidade adjacente ou coincidente.

Na *Poética* o estagirita, afirma: “O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreendem as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado”. (ARISTÓTELES, 1973: 1448b 4). Está na natureza do homem, pois, o caráter mimético, por isso ele representa o mundo e tem linguagem, por isso ele se compraz em conhecer e reconhecer, em experimentar e saborear as diferenças do real. Assim, o homem se compraz na representação e na expressão, das quais decorre como consequência uma experiência de aprendizagem.

Nesse sentido, e concludentemente, a arte podia educar – como Aristóteles expõe na *Poética* – porque era mimética, ou tipificava a lógica da vida. Tipificação que significava a criação de um meio para que o homem alcançasse, pela vivência das obras, consciência do mundo e autoconsciência de si (LUKÁCS, 1966). De sorte que não se trata de retórica a determinação de que a música cumpria *função humano-pedagógica*. De fato, este era seu télos.

Referências:

¹ Não se quer fazer apologia a estes filósofos gregos, visto a importância e contribuição de tantos outros ao longo da história, mas vale a citação que diz que "toda a história do pensamento ocidental não é nada mais que um conjunto de notas de rodapé a Platão e Aristóteles" (LOVEJOY, 1930).

² Convém lembrar que os gregos chamam de *músicas* todas as atividades propiciadas pelas musas: a epopeia, a tragédia, a comédia, a poesia lírica, a erótica e assim por diante.

ARISTÓTELES. *Obras*. 2ª ed. Madrid: Aguilar, 1973.

CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

FETICHISMO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 897.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo, vol. I e II*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes, 4ª edição, 1993.

LOVEJOY, Arthur. *The Revolt Against Dualism*. Chicago, IL: Open Court, 1930.

LUKÁCS, Georg. *La crisis de la filosofía burguesa*. Sem local: Elaleph, 2000. Disponível em <<http://www.elaleph.com/libro/La-crisis-de-la-filosofia-burguesa-de-George-Lukacs/682/>>. Acessado em 09/01/2013.

LUKÁCS, Georg. *Estética*. Tradução Castellana de Manuel Sacristán. Barcelona – México, DF. : Grijalbo, 1966.

MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital – Volume I*. Trad. Reginaldo Sant’Anna. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATURANA R., Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

PLATÃO. *Obras Completas*. Madrid: Aguillar Ediciones, 1972.

STEIN, Ernildo. *Ir ao encontro e não tratar como objeto: educação nas raízes da solidariedade*. Filosofazer, Passo Fundo, v. 21, 2002.

Notas

¹ Segundo Ferreira (1999, p. 897), fetichismo é “adoração ou culto de fetiches; culto de objetos materiais, considerados como a encarnação de um espírito, ou em ligação com ele, e possuidores de virtude mágica”.